

Haroldo decidiu que a melhor solução seria apelar para a sorte. Assim, simplesmente entrou na fila e deixou que o acaso lhe escolhesse um táxi.

Quando chegou a sua vez, deu cinco cruzeiros ao homem que sofria de ataques e curvou-se para entrar no Fuca.

O motorista não ^{se}virou ~~###~~; simplesmente arrancou, quase a tropelando o paraplégico que vendia balas. Haroldo apressou-se em dizer boa-noite. O motorista não olhou para trás. Limitou-se a perguntar :

- Prá onde ?

Haroldo, já um pouco irritado com tanta má-vontade, respondeu :

- O senhor pode pegar a Farrapos e ir sempre em frente.

O motorista não disse coisa alguma. Haroldo acabou achando que assim seria melhor. Enquanto o táxi serpenteava pela Farrapos, Haroldo examinou o interior. Como estava sujo e não havia rádio, supôs tratar-se de um desses carros de aluguel. No cinzeiro, ladeado por dois santinhos, o indefectível porta-retratos. Haroldo tentou ler a frase entre as duas fotos, mas não conseguiu.

Um ônibus surgiu de algum lugar impossível e cortou a frente do táxi. O motorista enlouqueceu. Colocou as duas mãos na buzina e acelerou o carro, tentando voltar para a frente do ônibus. Haroldo percebeu que era o momento apropriado para checar a segurança. Abaixou-se o mais que pôde e olhou para baixo do banco do motorista. Não havia nada. Haroldo ficou satisfeito.

O motorista suava muito. Haroldo abriu uma janela. Percebendo que já estavam no fim da Farrapos, Haroldo mandou que o motorista dobrasse a próxima à direita. Aparentemente satisfeito por sair do movimento, o motorista cumpriu a ordem.

Haroldo deixou o táxi andar mais duas quadras. Depois, fez o motorista dobrar à esquerda e novamente à direita. Reconhecendo seu lugar favorito, pediu para o motorista encostar. Abriu a sacola e tirou o revólver. Com calma, pousou-o na nuca do motorista, que tentou se virar. Haroldo berrou :

- Fica quieto. Não quero te matar.

O motorista ficou quieto. Haroldo falou, voz ensaiada :
- Tudo vai dar certo se tu não tentar bancar o herói.

O motorista criou coragem e respondeu :
- Eu, herói ? E dá prá ser herói com esse trabuco na nuca ?

Haroldo, apressado, tentou acabar com a lenga-lenga :
- Passa logo a grana.

O motorista abriu o cinzeiro e passou um bolo de notas para Haroldo. Haroldo não contou. Simplesmente enfiou na sacola e ordenou :

- Agora, me dá o resto.

A nuca tremeu um pouco.

- Que resto ?

Haroldo começou a perder a paciência. Tirou o canivete e encostou-o no pescoço do motorista.

- Me dá o resto.

A ponta do canivete penetrou dois milímetros. O motorista não gritou. Abriu a tampa do porta-luvas e entregou o outro bolo de notas. Haroldo ordenou:

- Sai do carro, bem devagar.

Aconteceu alguma coisa estranha com o motorista. Sem que se virasse, Haroldo percebeu que alguma coisa estava errada.

- Escuta aqui, falou o motorista, o carro não é meu. Por mim, tu pode enfiar ele onde quiser, mas se eu perco o carro, perco o emprego e ...

- Arranja outro, cortou Haroldo.

Mas o motorista não desistiu.

- Outra coisa. Tu devia é ter vergonha. Prá falar a verdade, eu já enchi o saco de guiar táxi. Mas no dia que eu conseguir um trabuco desses, eu vou tirar a grana de quem tem demais, e não dos que não tem nem prá comer.

Haroldo berrou :

- Cala a boca ! Se falar mais alguma coisa, te corto.

O motorista não parou. Apesar da lâmina, virou-se e encarou Haroldo.

- E quer saber de mais uma coisa ? Vai à merda. Já enchi o saco de calar a boca quando mandam.

Haroldo estava confuso. Isso nunca tinha acontecido. Mas aquela papagaiada ele já tinha ouvido antes. Sem saber por que, guardou o canivete. Quis falar, mas o motorista não deixou :

- Tu não tá vendo, desgraçado ? A gente se fode junto. Eu tenho que entregar todo o lucro pro patrão. E tu também deve ter patrão; um trabuco desses não é de graça. Me diz uma coisa, ele também te manda calar a boca ?

Haroldo não sabia o que fazer. Teve vontade de disparar a arma. Resolveu sair correndo, mas o patrão mandara levar o carro.

O motorista continuou :

- Quer guardar esse troço ?

Haroldo não guardou. Reuniu coragem e berrou :

- Não me interessa se tu é pé-de-chinelo. Sai daí antes que eu encha o saco.

- Ainda não encheu, é ? Pois eu já enchi.

Com um movimento rápido, arrancou o revólver das mãos de Haroldo e jogou-o pela janela. Haroldo não fez nada.

- Tu não visse ainda ? A gente pode se matar aqui e isso não vai ter a mínima importância prá eles.

Haroldo estava confuso. Não conseguia imaginar onde o taxei-ro queria chegar. Mas ele continuava :

- Posso ser burro, mas tu é muito mais.

Haroldo pediu, voz fraca, que parasse.

- Não paro merda nenhuma.

O motorista saiu, apanhou o revólver e voltou para dentro do táxi. Haroldo não disse nada.

O carro arrancou. Durante todo o percurso, nenhum dos dois falou. Escolheram a casa mais bonita de todas. O motorista foi até a campainha. Haroldo seguiu-o. Quando o motorista ia tocar na campainha, hesitou. Olhou para Haroldo e disse :

- Acho que a gente precisa ao menos se apresentar. O meu nome é Haroldo. E o teu ?

Carlos Gerlauer
25/12/77